

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS
CURSO DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA DA ÁFRICA
ALLINE REZENDE MIRANDA**

#PARTIUÁFRICA?

**Juiz de Fora
2017**

Ficha catalográfica elaborada através do programa de geração automática da Biblioteca Universitária da UFJF, com os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

MIRANDA, Aline Rezende.
#PARTIUÁFRICA? / Aline Rezende MIRANDA. -- 2017.
70 f.

Orientador: Márcia Guerra PEREIRA
Trabalho de Conclusão de Curso (especialização) - Universidade Federal de Juiz de Fora, Instituto de Ciências Humanas. Especialização em História da África, 2017.

1. Material Didático. 2. Ensino-aprendizagem. 3. História da África. 4. Identidades. 5. Anos Iniciais do Ensino Fundamental. I. PEREIRA, Márcia Guerra, orient. II. Título.

ALLINE REZENDE MIRANDA

#PARTIUÁFRICA?

Trabalho de Conclusão de Curso, apresentado à Universidade Federal de Juiz de Fora como requisito para obtenção do grau de especialista no curso Lato Sensu em História da África.

Orientadora: Prof^{fa}. Dr^a. Márcia Guerra Pereira
Orientador: Prof^o. Dr. Fernando Gaudereto
Lamas

Juiz de Fora

2017

ALLINE REZENDE MIRANDA

#PARTIUÁFRICA?

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Universidade Federal de Juiz de Fora como requisito para obtenção do grau de especialista no curso Lato Sensu em História da África.

Aprovada em ____ / ____ / ____

BANCA EXAMINADORA

Prof^a. Dr^a Márcia Guerra Pereira (Orientadora).

Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio de Janeiro - IFRJ

Prof. Dr. Fernando Gaudereto Lamas(Orientador)

Colégio de Aplicação João XXIII/UFJF

RESUMO

O presente material didático busca promover metodologias de ensino-aprendizagem, através do Ensino de História da África para alunos dos anos iniciais do ensino fundamental. Acreditamos que ao propor perspectivas outras de se valorizar e reconhecer distintas matrizes culturais que fazem parte da cultura brasileira, dando ênfase à matriz africana, fortaleceremos a construção positiva de identidades em crianças, desde sua inserção na escola.

Palavras-chave: Material Didático. Ensino-aprendizagem, História da África. Identidades. Anos Iniciais do Ensino Fundamental.

ABSTRACT

The present didactic material seeks to promote teaching-learning methodologies, through the Teaching of History of Africa for students of the initial years of elementary school. We believe that by proposing other perspectives of valuing and recognizing different cultural matrices that are part of Brazilian culture, emphasizing the African matrix, we will strengthen the positive construction of identities in children, since their insertion in school.

Keywords: Didactic material. Teaching-learning, History of Africa. Identities. Early Years of Elementary Education.

Sumário

PRIMEIRAS PALAVRAS.....	7
A PRODUÇÃO DO MATERIAL DIDÁTICO COMO RECURSO DE ENSINO- APRENDIZAGEM.....	8
MALA VIAJANTE	10
POR DENTRO DA MALA	20
VIAJANDO NA BIBLIOGRAFIA: SUGESTÃO DE LEITURA.....	21
REFERÊNCIAS	23
PORTFÓLIO.....	26
HISTÓRIAS DE VIDA E MEMÓRIA.....	26
REPENSANDO A APRENDIZAGEM: LEITURAS CRÍTICAS A PARTIR DA PRÁXIS....	29
PRÁTICAS PEDAGÓGICAS, INTERVENÇÕES E AÇÕES SÓCIO-EDUCATIVAS.....	31
ALGUMAS CONSIDERAÇÕES.....	34
REFERÊNCIAS (PORTFÓLIO).....	36
ANEXOS (PORTFÓLIO).....	37

PRIMEIRAS PALAVRAS

Minha presença de professor, que não pode passar despercebida dos alunos na classe e na escola, é uma presença em si política. Enquanto presença, não posso ser uma *omissão*, mas um sujeito de *opções*.

(Paulo Freire, 2003, p. 98)

Que sentidos alunos dos anos iniciais podem atribuir ao ensino de História da África para auxiliá-los na construção de suas identidades raciais? Com esta inquietação inicial o presente material didático foi tecido.

Um ambiente positivo e adequado na escola, desde os anos iniciais, pode não eliminar todas as desigualdades, mas pode, no entanto, colaborar na construção da percepção da igualdade entre os seres humanos e ser um espaço de construção de uma imagem positiva do estudante negro, essa reflexão promovida por Cavalleiro (2014) nos ajuda a compreender em como a escola, enquanto espaço de construção e (re)produção das práticas sociais, pode reforçar o racismo ou contribuir para o combate ao preconceito racial, visto que: se o racismo é uma prática social e esta pode acontecer na escola, ela está sendo construída e/ou reproduzida nesta, e se a escola pode construir e/ou reproduzir práticas que criam uma autoimagem negativa e depreciativa ela também pode construir e/ou reproduzir práticas que criam uma autoimagem positiva e prezada.

Ao ensinar história da África para crianças desde a sua inserção na escola, revertemos os mecanismos sociais de exclusão do negro no espaço escolar e incentivamos sua permanência e sucesso. Deste modo, não será necessária uma desconstrução da inferiorização dos lugares sociais destinados ao negro, pois as crianças, ao crescerem com imagens de negros como protagonistas nos mais variados espaços da sociedade, vão naturalizando sua presença deste o início de sua escolarização.

Por conseguinte, tal material didático foi desenvolvido com o intuito de valorizar e reconhecer distintas matrizes culturais que fazem parte da cultura brasileira, dando ênfase à matriz africana e fortalecer a construção positiva de identidades. Pois, submetido a uma imagem plural da humanidade, na qual brancos e negros são igualmente sujeitos da história, sua estética e produção cultural igualmente valorizadas e conhecidas, não irá reforçar preconceitos e muito menos construir estereótipos idealizados nos mitos de superioridade e inferioridade entre grupos de indivíduos.

A PRODUÇÃO DE MATERIAL DIDÁTICO COMO RECURSO DE ENSINO-APRENDIZAGEM

O estudo da história e das culturas africanas e afro-brasileiras favorece o conhecimento de nossa diversidade social e cultural, mas ao mesmo tempo, aponta os conflitos tácitos ao modelo educacional brasileiro, que ao não considerá-lo um fator constitutivo de nossa sociedade, criou equívocos que deturparam as culturas de origem africanas, reforçando o preconceito e a violência sofridos desde sua chegada.

A contar com a vinda da Companhia de Jesus, que não trouxeram somente suas concepções de moral, ética e religiosidade, trouxeram também seus métodos pedagógicos, que tinham por objetivos práticos o recrutamento de fiéis e servidores, conseguidos através da educação, (ROMANELLI, 2002) até os dias atuais, a História da Educação Brasileira sempre foi marcada por características singulares, tanto no que diz respeito ao preconceito e a discriminação: inicialmente com os indígenas e posteriormente com os africanos; como pela criação de um sistema dual de ensino: uma escola para as elites e uma escola para a classe trabalhadora.

Assim, desde a chegada dos Jesuítas, nossa formação cultural foi estruturada em saberes e funções a serem desempenhadas na sociedade a partir da classe social a que se pertence e das suas características étnico-raciais.

Partindo dessa dualidade: educação das elites *versus* educação das classes trabalhadoras, compreende-se porque a cultura escolar que prevalece em nossas instituições educativas, erigida essencialmente a partir da matriz político-social, privilegia o uniforme e o homogêneo, considerados como elementos constitutivos do universal. (MIRANDA, 2007).

Nesta perspectiva, as diferenças são ignoradas ou consideradas um “problema” do currículo a se resolver. Visto que:

O currículo é um dos locais privilegiados onde se entrecruzam saber e poder, representação e domínio, discurso e regulação. É também no currículo que se condensam relações de poder que são cruciais para o processo de formação de subjetividades sociais. Em suma, currículo, poder e identidades sociais estão mutuamente implicados. O currículo corporifica relações sociais. (SILVA, 1996, p. 23):

Assim “quando definimos o currículo estamos descrevendo a concretização da própria escola e a forma particular de enfocá-las num momento histórico e social determinado, para um nível ou modalidade de educação” (SACRISTÁN, 1999, p.15).

O reconhecimento e a percepção de que os currículos escolares são escolhas culturais,

temporais, sempre variáveis e dinâmicas, enfatizam sua parcialidade enquanto elemento de transmissão do conhecimento, uma vez que estes estão conectados em relações de poder e é expressão do equilíbrio de interesses e forças que atuam no sistema educativo em um dado momento, tendo em seu conteúdo e formas, a opção historicamente esculpida de um determinado meio social, cultural, econômico e político. Descartamos, assim, a perspectiva de neutralidade dos currículos escolares incluindo aqueles das séries iniciais. (CAVALLEIRO, 2000; MOURA, 2008).

Buscando sair deste lugar comum, onde falar de história da África somente justifica-se mediante o uso da Lei nº 10.639/03 e (re)significando práticas pedagógicas que relacionem o aprendizado com a construção de um determinado referencial explicativo para determinados processos históricos, não se limitando a uma prática de transmissão de conhecimento, é que desconstruiremos essa cultura escolar tão bem alicerçada e ampliaremos “o foco dos currículos escolares para a diversidade cultural, racial, social e econômica brasileira” (BRASIL, 2004, p.91).

Essa mudança muito mais do que uma alteração no currículo de ensino, trata-se de uma mudança de mentalidade. Pois na medida em que a imagem do país ganha novos contornos e novas formas, uma relação de igualdade e respeito entre os cidadãos vai se consolidando. Compreender a importância do continente africano para o Brasil e de seus descendentes é avançar na construção de um país mais democrático.

Todavia, quando a história do Brasil é ensinada ao aluno, este topa com um amontoado de fatos que narram a trajetória dos europeus na América e a utilização de mão-de-obra escravizada de índios e negros. Deste modo, pouco ou quase nada aprendemos dos outros dois povos.

E assim a história vai sendo ensinada de maneira distorcida, falsificada e preconceituosa, criando um imaginário de que não houve um passado na África, é como se ela tivesse brotado do nada, sem raízes, sem tradição, sem memória.

Esta África “sem originador”, negra, foi desenhada por Hegel, que a dividiu em três partes dissemelhantes: 1) a África Setentrional aberta ao Mediterrâneo e ligada à Europa – 2) o Egito, centro de grande civilização autônoma – 3) a África propriamente dita, fechada em torno de si e desinteressada de sua própria história.

A principal característica dos negros é que sua consciência não atingiu a intuição de qualquer objetividade fixa, como Deus, como leis, pelas quais o homem se encontraria com sua própria vontade, e onde ele teria uma ideia geral de sua essência. (...) O negro representa, como já foi dito, o homem natural, selvagem e

indomável. Devemos nos livrar de toda reverência, de toda moralidade e de tudo o que chamamos de sentimento, para realmente compreendê-lo. Neles, nada evoca a ideia de caráter humano. (...) Entre os negros, os sentimentos morais são totalmente fracos – ou, para ser mais exato, inexistente. (...) Com isso, deixamos a África. Não vamos abordá-la posteriormente, pois ela não faz parte da história mundial; não tem nenhum movimento ou desenvolvimento para mostrar. (HEGEL, 1995, p. 84-88).

Assim, por mais que se pesquise e tente reconstruir sua história, ainda nos deparamos com a África que ficou fechada, sem relações com o resto do mundo, fora da história e adormecida na escuridão da noite.

É necessário afirmar que como a história de todos os povos, a da África teve passado, tem presente e continuidade. Mais do que isso: é evidenciar que a África é o berço da humanidade, e que foi a partir dela que a nossa história começou e que nela se desenvolveram grandes civilizações, como a civilização egípcia, tão bem difundida, mas que pouco aparece para nós como parte da África. Reconhecer que a África tem história é o ponto de partida para discutir a importância da história da África na constituição da história do Brasil.

Além disso, abarcar a África desfaz a noção primeira de que, naquele continente (do qual, muitas vezes, nem sabemos os nomes dos países que o constituem), só existe guerra, fome, miséria, doença e dor. Deixando de lado toda sua riqueza cultural, étnica, linguística, artística e intelectual. “Essa revisão histórica do nosso passado contribuirá na superação de preconceitos arraigados em nosso imaginário social e que tendem a tratar a cultura negra e africana como exóticas e/ou fadadas ao sofrimento e à miséria”. (GOMES, 1999, p. 72)

Em outras palavras, há benefícios em muitos sentidos, para a sociedade: tanto pedagógicos, no tocante a uma visão mais afirmativa da diversidade étnico-racial e reconhecimento de suas identidades, quanto políticos e econômicos, na problematização das relações de poder que marcam os vários segmentos da população quando se deixa conhecer suas origens e sua história.

MALA VIAJANTE

A confecção de material didático precisa ser pensada através de uma abordagem de construção do conhecimento, em uma relação dialética e dialógica com a realidade, pois somente desta maneira os alunos terão criticidade para aprofundar seus conhecimentos.

Enquanto, na concepção “bancária” o educador vai “enchendo” os educandos de falso saber, que são conteúdos impostos, na prática libertadora, vão os educandos desenvolvendo o seu poder de captação e de compreensão do mundo que lhes aparece, em suas relações com ele, não mais uma realidade estática, mas como uma

realidade em transformação, em processo. (FREIRE, 1983, p.82)

Nesse sentido, partindo da minha vivência como professora, compreendo que para ter uma função significativa no aprendizado, o material didático deve ser concebido através de uma ação conjunta entre a professora e os alunos. Assim, ele não será apenas utilizado em sala de aula, mas coproduzido na mesma, gerando um processo de interação entre seu conteúdo e sua compreensão, o que auxiliará os alunos ao final do ciclo a terem “consolidado as competências referentes à leitura e a escrita necessárias para expressar-se, comunicar-se e participar das práticas sociais letradas, e ter desenvolvido o gosto e apreço pela leitura” (BRASIL, 2008, p.12) propiciando-os à:

reconhecer mudanças e permanências nas vivências humanas, presentes na sua realidade e em outras comunidades, próximas ou distantes no tempo e no espaço e questionar sua realidade, identificando alguns de seus problemas e refletindo sobre algumas de suas possíveis soluções, reconhecendo formas de atuação política institucionais e organizações coletivas da sociedade civil. (BRASIL, 1997, 33)

Deste modo, o ensino-aprendizagem de história da África, se dará sob a perspectiva das relações criadas pela sociedade escravista brasileira, que inicialmente, estará voltado para atividades em que os alunos possam compreender e estabelecer as permanências e as transformações no modo de vida social e cultural dos africanos relacionando-os ao seu próprio modo de vida social e cultural, para posteriormente questionar, refletir e propor soluções que modifiquem suas realidades.

Esse processo de transposição requer do docente, no mínimo, sensibilidade para: recortar do conhecimento disponível o que é pertinente para a situação de ensino; contextualizar esse recorte conforme o tempo/espaço de produção e segundo os objetivos do ensino; organizar/sistematizar esse recorte – valendo-se, para isso, de diferentes linguagens e do uso adequado delas à situação enunciativa pressuposta pelo processo de ensino e aprendizagem e planejar formas de tornar acessível ao aluno esse recorte, avaliando essa acessibilidade. (SANTOS et al. 2004, p.21)

Como a utilização deste material didático se dará nos anos iniciais do ensino fundamental, ciclo em que os alunos estão sendo alfabetizados e letrados, e que os professores devem “pautar pelo princípio da continuidade da aprendizagem dos alunos sem interrupção, com foco na alfabetização e letramento, voltados para ampliar as oportunidades de sistematização e de aprofundamento das aprendizagens” (BRASIL, 2008, p.11), uma “atitude” lúdica do professor e dos alunos também é esperada. Pois esta permite que o indivíduo “vivencie sua inteireza e sua autonomia em um tempo-espaço próprio, particular. Esse

momento de inteireza e encontro consigo gera possibilidades de autoconhecimento e de maior consciência de si” (PEREIRA, 2002, p.17). Assumir essa postura implica envolvimento, uma mudança interna e não apenas externa, implica não somente uma mudança cognitiva, mas, principalmente, uma mudança afetiva: predisposição a se conhecer e a conhecer os outros.

De acordo com o Currículo Básico Comum do Ensino Fundamental para os Anos Iniciais: Ciclo de Alfabetização, os eixos norteadores para o ensino de História: 1) *sujeito histórico*; 2) *sociedade*; 3) *tempo histórico* e 4) *fonte histórica*, contemplam a temática étnico-racial, possibilitando trabalhar disciplinarmente, interdisciplinarmente e multidisciplinarmente. Esse documento vai ao encontro da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional Nº 9394/96, que em seu artigo 26A, torna obrigatório o estudo da história e cultura afro-brasileira e indígena.

Art. 26-A. Nos estabelecimentos de ensino fundamental e de ensino médio, públicos e privados, torna-se obrigatório o estudo da história e cultura afro-brasileira e indígena. (Redação dada pela Lei nº 11.645, de 2008).

§ 1º O conteúdo programático a que se refere este artigo incluirá diversos aspectos da história e da cultura que caracterizam a formação da população brasileira, a partir desses dois grupos étnicos, tais como o estudo da história da África e dos africanos, a luta dos negros e dos povos indígenas no Brasil, a cultura negra e indígena brasileira e o negro e o índio na formação da sociedade nacional, resgatando as suas contribuições nas áreas social, econômica e política, pertinentes à história do Brasil. (Redação dada pela Lei nº 11.645, de 2008).

§ 2º Os conteúdos referentes à história e cultura afro-brasileira e dos povos indígenas brasileiros serão ministrados no âmbito de todo o currículo escolar, em especial nas áreas de educação artística e de literatura e história brasileiras. (Redação dada pela Lei nº 11.645, de 2008).

Pensar na mala viajante é pensar em viagem, deslocar-se de um lugar para outro, não necessariamente, fisicamente. É propiciar conhecer lugares outros sem sair do lugar, mas ao mesmo tempo modificar-se.

Dependendo do que se coloca na mala sua aplicabilidade e utilidade mudam. Portanto o material é multifacetado, vivo e arrojado.

Optei por construir uma mala em madeira, um modelo clássico que submete a ideia de antigo, ascendente, antepassado. Passei somente uma demão de verniz para dar um acabamento e coleí imagens de animais da fauna africana com o seguinte título em cima: #PartiuÁfrica? Como a ideia de conhecer lugares parte de uma predisposição, nada melhor do que um convite para incentivar e aguçar a curiosidade.

A mala viajante levará 6 livros, 1 coleção de filmes, 1 história contada em CD, 2

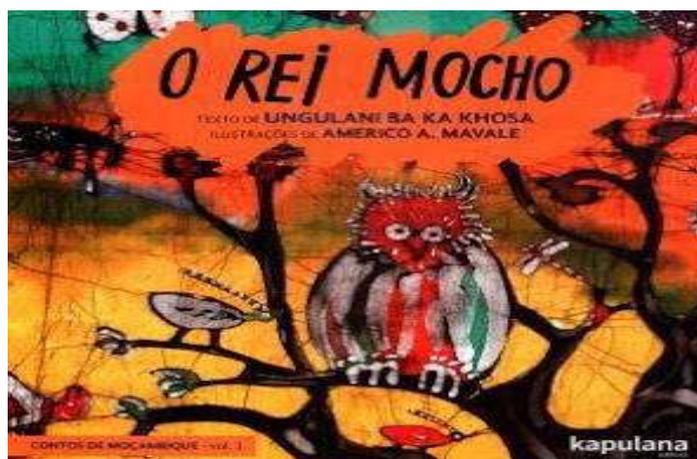
desenhos em CD e 1 música-tema em CD.

Os livros:

- 1) O Rei Mocho, texto de Ungulani Ba Ka Khosa e ilustrações de Americo A. Mavale. São Paulo: Kapulana, , 2016.

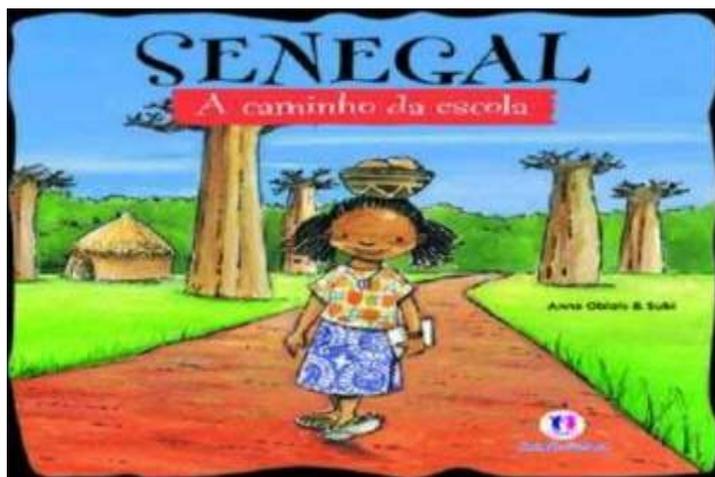
Este livro é o primeiro volume, de uma coletânea de contos da tradição oral de Moçambique, da edição brasileira “Contos de Moçambique”. O Rei Mocho é uma história baseada em um conto moçambicano, em que um pai mostra para seu filho como as mentiras e a desordem, surgiram no mundo.

Sinopse: Naqueles tempos, os pássaros precisavam de um chefe para protegê-los das maldades do tempo e guiá-los em suas tarefas. O escolhido foi o mocho, por causa dos chifres que tinham na cabeça. Até que o homem resolveu intervir, e descobriu a verdade que o mocho tanto temia.



- 2) Senegal a caminho da escola, texto de Anna Obiols e ilustrações de Subi. São Paulo: Ciranda Cultural, 2011.

Sinopse: Aminata é uma garota africana que vive no Senegal. Todos os dias, antes de ir à escola, ela vai buscar água no Poço. Depois do café da manhã, ela embarca em um *táxi brousse*, a colorida van que a leva até a escola. Ao deixar para trás os grandes baobás, ela observa os preparativos para um festival ao som de tambores, vendedores ambulantes na estação rodoviária, os pescadores chegando com suas redes cheias de peixes...E, ao passar pelo parque nacional, tem uma surpresa. Você quer saber o que houve?



- 3) Pretinha de Neve e os sete gigantes, texto e ilustrações de Rubem Filho. São Paulo: Paulinas, 2013.

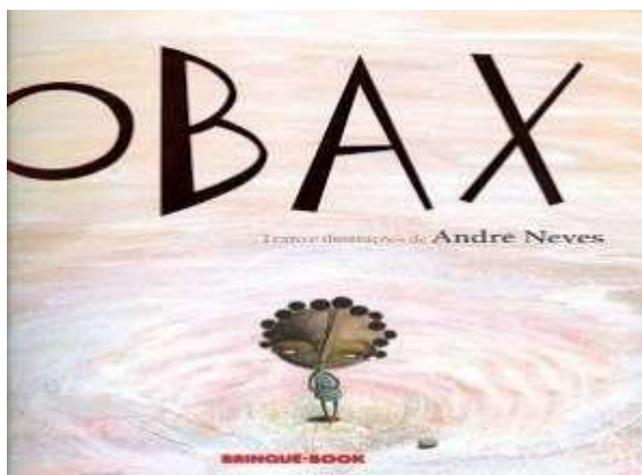
Sinopse: Pretinha de Neve morava com a mãe e o rei, seu padrasto, no Monte Kilimanjaro (norte da Tanzânia). Um lugar onde caía neve, por isso muito gelado, mais gelado ainda porque a menina vivia sozinha, já que era a única criança no castelo e não tinha amigos para brincar. Um dia, Pretinha se olhou no fundo do tacho de cobre, em que sua mãe fazia os doces que seu padrasto tanto gostava, e perguntou: "Tacho de cobre, existe menina mais solitária do que eu?". Foi nessa conversa com o tacho de cobre que Pretinha resolveu descer o Monte e conhecer "lá embaixo", um lugar sem neve e, quem sabe, com crianças morando por lá.



- 4) Obax, texto e ilustrações de André Neves. São Paulo: Brinque-Book, 2010.

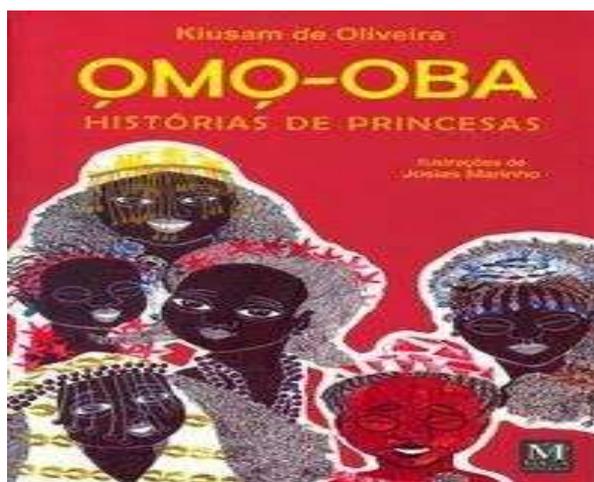
Sinopse: Quando o sol acorda no céu das savanas, uma luz fina se espalha sobre a vegetação escura e rasteira. O dia aquece, enquanto os homens lavram a terra e as

mulheres cuidam dos afazeres domésticos e das crianças. Ao anoitecer, tudo volta a se encher de vazio, e o silêncio negro se transforma num ótimo companheiro para compartilhar boas histórias.



- 5) Omo-Oba: histórias de Princesas, texto de Kiusam de Oliveira e ilustrações de Josias Marinho. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2009.

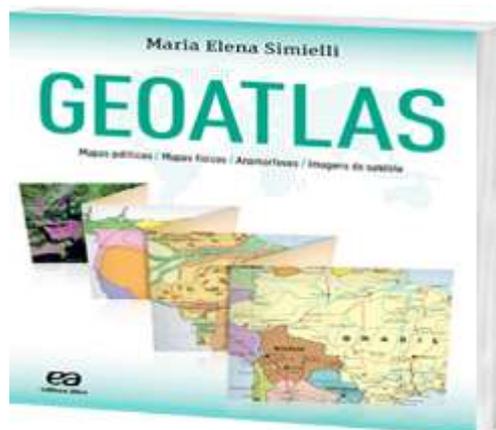
Sinopse: 'Omo-Oba - Histórias de Princesas' é um livro que reconta mitos africanos, divulgados nas comunidades de tradição ketu, pouco conhecidos pelo público em geral e que reforçam os diferentes modos de ser em relação ao feminino.



- 6) Geoatlas. Maria Elena Simielli. 34 ed. São Paulo: Ática, 2013.

Um atlas, por definição, é um conjunto de mapas ou cartas geográficas. Porém, o termo também se aplica a um conjunto de dados sistematicamente organizados

sobre determinado assunto e que servem de referência para a construção de informações de acordo com a necessidade do usuário. Assim, ter à mão um atlas é ter um mundo de informações. Informações sustentadas, informações que sustentam o conhecimento. (IBGE, 2012)

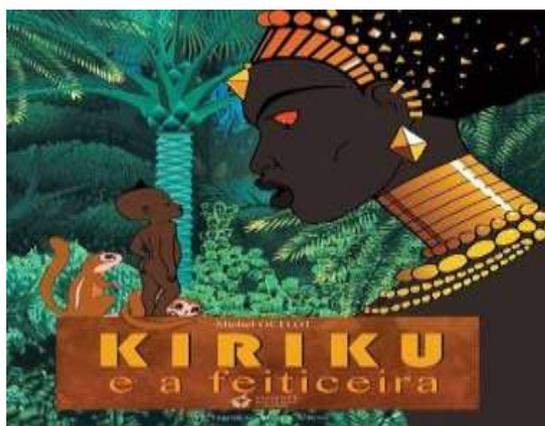


A coleção de filmes:

São longa metragens de animação franco-belga, dirigido por Miguel Ocelot, que conta a saga do personagem Kiriku.

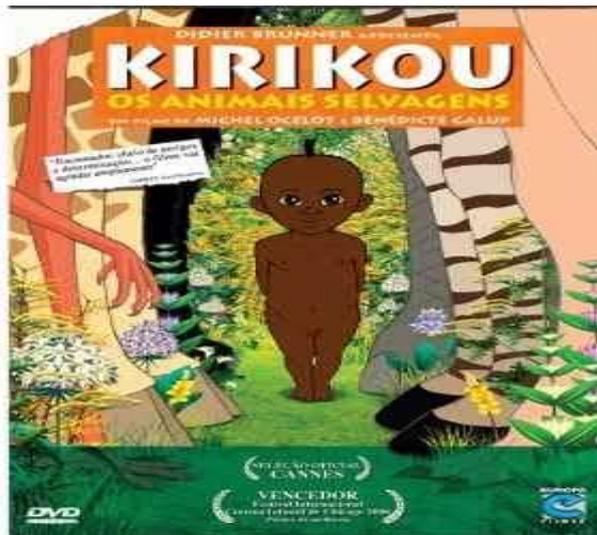
1) Kiriku e a feiticeira (1998)

Sinopse: Retrata uma lenda africana, em que um recém-nascido, superdotado, começa a falar, caminhar e correr com o objetivo de salvar a aldeia de Karabá, onde uma terrível feiticeira secou a sua fonte de água e roubou o ouro das mulheres. Por ser um bebe muito pequeno, é desacreditado, mas assim mesmo ele realiza atos heroicos para vencer a maldade da feiticeira e de seus soldados, conseguindo autonomia, água e paz para a comunidade.



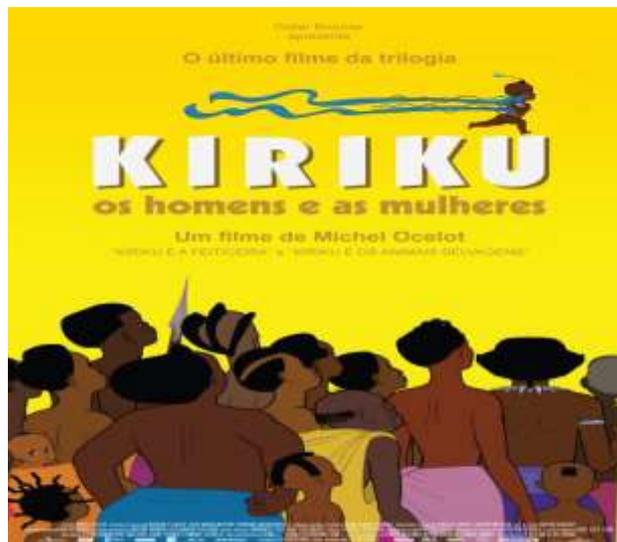
2) Kiriku e os animais selvagens (2005)

Sinopse: O avô de Kiriku (Pierre-Ndoffé Sarr) conta as desventuras do garoto, cuja altura não alcança nem o joelho de uma pessoa normal. Entre elas o avô conta como Kiriku aprendeu a ser jardineiro, detetive, artesão, doutor, comerciante e viajante, percorrendo os diversos recantos da África.



3) Kiriku, os homens e as mulheres (2015)

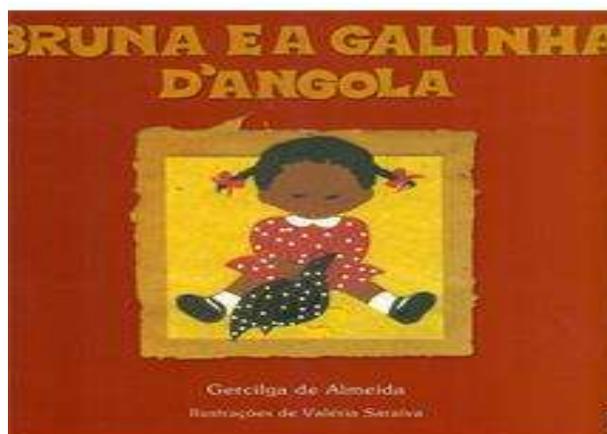
Sinopse: O Homem Sábio da Montanha Proibida conta histórias do heróico Kiriku, que desde a infância sempre esbanjou coragem, inteligência e agilidade. Vivendo em uma aldeia ao lado de sua mãe, Kiriku era capaz de solucionar qualquer tipo de problema.



A história contada:

Retirada do projeto educativo a Cor da Cultura, o livro contado relata a história de Bruna e a galinha d'Angola, texto de Gercilda de Almeida e ilustrações de Valéria Saraiva.

Sinopse: Árvores, flores, frutas e bichos – todos têm um símbolo desde que o mundo é mundo. Seja a macieira com sua maçã inicial, seja a galinha d'angola espalhando terra para dar firmeza ao chão – todos têm representado a reverência de tempos, antigos e modernos, aos primeiros passos da raça humana. Neste livro a autora elegeu a bela imagem da galinha d'angola para com ela contar, a crianças e adultos, a história de como a terra ficou segura – e de como Bruna e suas amiguinhas da grande aldeia chamada Terra se afeiçoaram à Conquém, na beleza de sua pele escura pintada de pequenas bolas brancas.



Desenho animado contos de Tinga Tinga

Este desenho é baseado em contos do folclore africano que são trazidos à vida por uma turma de personagens recorrentes liderados por um macaquinho atrevido. Tinga Tinga é centrado em vários animais da fauna africana. Com trilha sonora bastante viva, o desenho estimula a musicalidade dos pequenos. Os diálogos são cativantes e o visual é bem trabalhado. Cada episódio conta uma estória do folclore africano sobre a evolução de um animal nativo da África, respondendo a perguntas como: por que os macacos balançam nas árvores e os flamingos ficam numa perna só?

Os episódios escolhidos para compor a mala foram:

- Por quê o hipopótamo não tem pelo?
- Por quê a tartaruga tem o casco quebrado?



Música-tema

Para criar um ambiente atraente, que estimule a curiosidade e aguace a expectativa, elegi uma música-tema para todas as vezes que formos utilizar a mala viajante. É importante para os alunos e para a professora este momento em que estão se preparando para encantar-se, maravilhar-se.

África

Palavra Cantada

Quem não sabe onde é o Sudão
saberá
A Nigéria o Gabão
Ruanda
Quem não sabe onde fica o Senegal,
A Tanzânia e a Namíbia,
Guiné Bissau
Todo o povo do Japão
Saberá

De onde veio o
Leão de Judá
Alemanha e Canadá
Saberão
Toda a gente da Bahia
sabe já
De onde vem a melodia
Do ijexá
o sol nasce todo dia
Vem de lá
Entre o Oriente e ocidente

Onde fica?
Qual a origem da gente?
Onde fica?
África fica no meio do mapa do mundo do
atlas da vida
Áfricas ficam na África que fica lá e aqui
África ficará

Basta atravessar o mar
pra chegar
Onde cresce o Baobá
pra saber
Da floresta de Oxalá
E malê
Do deserto de Alah
Do ilê
Banto mulçumanagô
Yorubá

POR DENTRO DA MALA

Não é possível, neste momento, propor atividades específicas utilizando a mala viajante, antes de se conhecer os alunos que embarcarão nesta viagem. É possível, partindo dos recursos didáticos inseridos na mala visualizar o que se pode propor: como sequências didáticas, oficinas e projetos. A ideia central do material didático encaminha “para uma valorização da oralidade, da corporeidade e da arte, por exemplo, como a dança, marcas da cultura de raiz africana, ao lado da escrita e da leitura”. (BRASIL, 2013, p. 93)

Deste modo, seguem algumas orientações, iniciais, quanto ao seu uso:

- Passo 1 – Compartilhar a proposta de trabalho com os alunos;
- Passo 2 – Sondar o conhecimento dos alunos acerca do país que será visitado;
- Passo 3 – Promover o contato dos alunos com a cultura do local;
- Passo 4 – Identificar as características do local a ser conhecido;
- Passo 5 – Buscar mais informações sobre o local.

É importante ter sempre em mente que, todos os recursos didáticos inseridos foram pensados a partir de países que compõem o continente africano, ou seja, saindo da África para o mundo. Portanto, ao utilizar o material, a partida se dará sempre do país que foi escolhido

para se visitar. Sugiro a construção de um mapa da África pelos alunos e professora, que fique exposto na sala e que a cada incursão em um novo país, o identifique como país visitado ou até mesmo a confecção de passaportes para toda a turma.

Os recursos didáticos (livros) propiciam conhecer, inicialmente, os seguintes países: Moçambique, Senegal, Tanzânia e Angola. Faz-se necessário pesquisar onde ficam as savanas africanas e quais comunidades são de tradição ketu.

Quanto aos filmes e desenhos, algumas inferências serão necessárias para podermos descobrir de qual local estamos falando.

O atlas geográfico será um importante suporte, utilizado concomitantemente com os outros recursos didáticos.

Já a música-tema, bem o nome já diz tudo, deverá ser tocada ao início da sua utilização, para criar um ambiente agradável e estimulante ao aprendizado.

Caberá à professora que utilizará a mala viajante traçar os objetivos que visa alcançar e atrelá-los às atividades propostas, bem como determinar quais conteúdos serão mobilizados e os métodos a serem utilizados.

E como, nas viagens em que fazemos a mala nunca volta como foi, espero que além do que ela levará, inicialmente, volte com objetos outros e aperfeiçoada.

VIAJANDO NA BIBLIOGRAFIA: SUGESTÃO DE LEITURA

Segue abaixo relações de livros, sites, filmes e vídeos para consulta e auxílio à professora:

Livros:

Coleção História Geral da África < http://www.unesco.org/new/pt/brasil/abou-this-office/single-view/news/general_history_of_africa_collection_in_portuguese-1/#.VkzMkdKrTDc>

HERNANDEZ, Leila Leite. **A África na sala de aula**: visita à história contemporânea. São Paulo: Selo Negro Edições, 2005 .

MUNANGA, K. (Org.). **Superando o racismo na escola**. Brasília: MEC, 1999.

PAULA, Marilene de; HERINGER, Rosana. **Caminhos convergentes**: estado e sociedade na

superação das desigualdades raciais no Brasil. Rio de Janeiro: Fundação Heinrich, ActionAid, 2009. Disponível em: <http://br.boell.org/downloads/caminhos_convergentes.pdf>

SILVA, Alberto da Costa e. **A enxada e a lança**: a África antes dos portugueses. Rio de Janeiro: Nova Fronteira; São Paulo: EdUSP, 1992.

Sites

A cor da cultura < <http://www.acordacultura.org.br/kit>>

Nana & Nilo < www.nanaenilo.com.br>

Slavevoyagers < <http://slavevoyages.org/education/>>

Filmes/videos

As Aventuras de Azur e Asmar < <https://www.youtube.com/watch?v=pOLSqIFzkkg>>

Chimamanda Adichie: o perigo de uma única história
<<https://www.youtube.com/watch?v=wQk17RPuhW8>>

Viajando pela África com Ibn Battuta < <https://www.youtube.com/watch?v=LpEuYhAsp3Y>>

Vista minha pele < <https://www.youtube.com/watch?v=LpEuYhAsp3Y>>

REFERÊNCIAS

Atlas Geográfico Escolar. Rio de Janeiro, Editor IBGE, 2012. Disponível em: <<http://biblioteca.ibge.gov.br/biblioteca-catalogo?id=264669&view=detalhes>>. Acesso em 07 de jan. de 2017.

Brasil. Currículo Básico Comum do Ensino Fundamental Anos Iniciais: Ciclo de Alfabetização e Complementar. Secretaria de Estado de Educação de Minas Gerais. Belo Horizonte, 2008.

_____. **Diretrizes curriculares para a educação das relações étnico-raciais e para o ensino de história e cultura afro-brasileira e africana.** Brasília, Secretaria Especial de Políticas de Promoção da Igualdade Racial, outubro de 2004.

_____. **Lei n. 9.394,** Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional de 20 de dezembro de 1996. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L9394.htm>. Acesso em: 07 jan. 2017.

_____. **Lei n. 10.639, de 9 de janeiro de 2003.** Disponível em: <https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/L10.639.htm>. Acesso em: 07 de jan. 2017.

_____. **Lei n. 11.645, de 10 de março de 2008.** Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2008/lei/111645.htm>. Acesso em: 07 de jan. 2017.

_____. **Parâmetros Curriculares Nacionais: História e Geografia.** Secretaria de Educação Fundamental. Brasília: MEC/SEF, 1997.

_____. **Plano Nacional de Implementação das Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História Cultura Afro-Brasileira e Africana.** Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização, Diversidade e Inclusão. Brasília: MEC, SECADI, 2013.

CAVALLEIRO, Eliane dos Santos. **Do silêncio do lar ao silêncio escolar:** racismos,

preconceitos e discriminação na educação infantil. 6ª ed. São Paulo, Contexto, 2014.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia**: Saberes necessários à prática educativa. 28ed. São Paulo: Paz e Terra, 2003.

_____. **Pedagogia do Oprimido**. 14 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra. 1983.

GOMES, N.L. Educação e relações raciais: discutindo algumas estratégias de atuação. In: MUNANGA, K. (Org.). **Superando o racismo na escola**. Brasília: MEC, 1999.

GUERRA, Márcia. **História da África**: uma disciplina em construção. Tese de Doutorado defendida junto ao Programa de Pós-Graduação em Educação, História, Política e Sociedade. São Paulo: PUCSP, 2012

HEGEL, G.W. F. **Filosofia da história**. Brasília: Ed. UnB, 1995.

MIRANDA, Sonia Regina. **Sob o signo da memória**: cultura escolar, saberes docentes e História ensinada. São Paulo: Editora UNESP; Juiz de Fora: EDUFJF, 2007.

MOURA, Glória. O direito a diferença. In: **Superando o Racismo na escola**. 2ª edição revisada / Kabengele Munanga, organizador. – [Brasília]: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, 2008.

PEREIRA, Lucia Helena P. ludicidade: algumas reflexões. In: PORTO, Bernardete de Souza (org). **Ludicidade**: o que é mesmo isso? Salvador: Universidade Federal da Bahia, Faculdade de Educação, Programa de Pós-Graduação em educação, Gepel, 2002, p. 17.

ROMANELLI, Otaíza de Oliveira. **História da Educação no Brasil (1930/1973)**. 27 ed. Petrópolis: Vozes, 2002.

SACRISTAN, J. Gimeno. Poderes instáveis em educação. Tradução de Beatriz Affonso Neves. Porto Alegre: Artmed, 1999.

SANTOS, Márcia Maria Capellano dos; PEREIRA, Siloé; AZEVEDO, Tânia Maris (Orgs.). **Projeto Pedagógico UCS Licenciatura (Formação Comum)**. Caxias do Sul: EDUCS, 2004.

SILVA, Tomaz Tadeu da. **Identities terminais**: as transformações na política da pedagogia e na pedagogia da política. Petrópolis: Vozes, 1996.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA/MG

INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS

PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA DA ÁFRICA

DOCENTE ORIENTADOR: Fernando Gaudereto Lamas

DISCENTE: Alline Rezende Miranda

Portfólio

HISTÓRIAS DE VIDA E MEMÓRIA

“Grandes realizações são possíveis quando se dá importância aos pequenos começos.”

Lao Tzu

Os dias na casa dos meus avós eram uma aventura, embora sempre começassem do mesmo jeito.

Acontecia de manhãzinha, chuvosa, fria ou cálida. Música ao fundo, aquelas que contam sobre a vida feliz ou sofrida de alguém, cheirinho de café e vozes sussurradas. Levantar, vestir-se e ir para a escola.

Está aí um lugar que eu sempre gostei de estar: a escola. Nunca entendi quem não gostasse dela. Pra mim sempre foi um lugar de aprendizado: do que fazer e/ou do que não fazer.

Por ser introvertida, vivia rodeada de livros, fato que acabou me rotulando de sabida. Aff...coisas que a escola também (re)produz. Quem na mais tenra idade sabe muita coisa?

Ahhhh, não se enganem, eu sou introvertida mas tenho muitos amigos. Foram com eles que tive aprendizagens doces e amargas sobre: cumplicidade, generosidade, maldade e preconceito.

Por frequentar escola pública e de periferia, a grande maioria de nós eram negros e pobres. Nunca vi problema nisso até entrar para a 7ª série, parecia que após as férias de janeiro ao invés dos meus amigos eu reencontrava com um bando de desconhecidos. “Agora que estamos na 7ª série não podemos conversar com a fulana, você já viu como ela se veste? Já reparou no cabelo dela? Ela nem trocou de mochila? E os cadernos?” Essas eram algumas

das falas que eu me lembro.

Naquela época eu não compreendia muito bem todas aquelas falas, olhares e risinhos, mas sabia que não era certo, a gente sempre sabe o que não é certo quando sente a mágoa no outro, afinal, o que é certo não desperta sentimentos errados.

Imaturidade não justifica atos maldosos, e estes permaneceram ao longo do ano, e por não saber como agir eu acabei permitindo que eles acontecessem e participei de alguns deles quando não a defendi, quando não disse que era errado, quando me calei.

Foi um ano longo aquele. Mas também foi o ano em que ouvi falar de Mandela, do apartheid e de segregação racial.

Do final da década de 80 até meados da década de 90 tivemos muitas mudanças no mundo. Todas as aulas de História e Geografia estavam sendo construídas quase que em tempo real. Claro que naquela época eu não sabia disso.

Relembrando todos aqueles mapas que o professor de Geografia insistia que devíamos desenhar e aprender faz muito sentido agora que sei da reconfiguração da Europa pós queda do Muro de Berlim em 1989, e da nossa escolarização marcadamente europeizada.

Mas de todas as aulas, a que muito me marcou foi a fala rápida sobre Nelson Mandela, seus anos como preso político, o apartheid vivido na África do Sul e sua eleição para presidente.

Naquele momento percebi que vivíamos em segregação. Não uma tão demarcada quanto aquela descrita pelo professor, mas sim mais velada mesmo assim, separada. Nunca soube se a intenção dele foi de nos fazer ver o que estava acontecendo, nem sei se ele sabia o que ocorria conosco na escola, gosto de pensar que sim, que ele sabia, mas o fato é que daquela aula em diante algo mudou, minha visão se ampliou, não tinha mais como ficar calada, então as amizades foram se renovando, permanecendo e fortalecendo.

E cá estou eu, do outro lado da sala de aula, como professora. Confesso que relutei muito em reconhecer que, não importava o que eu fizesse, sempre estaria ligada ao espaço ou contexto escolar. Aliás, eu já afirmei aqui, que gosto de estar na escola. Reconheço que é um lugar que possui uma engrenagem complexa e, ao mesmo tempo carregada de entraves políticos, sociais e culturais. Entraves que seriam mais fáceis de serem superados se compreendêssemos o tema da História da África como dimensão central, para entendermos a particularidade cultural brasileira.

Infelizmente, não tive um ensino preocupado e muito menos pautado em perceber como o indivíduo se relaciona ou reage a diferenças e como sua individualidade é construída.

Referências de intelectuais, artistas, músicos, poetas e escritores negros me faltaram no ensino fundamental e médio. História da África e dos escravizados não eram vinculadas ao contexto brasileiro. A formação regional, étnica, sobre economia e política não se entrelaçam a uma reflexão crítica ao que aconteceu no continente africano. Nem mesmo na faculdade essas relações foram tecidas.

Mesmo agora, quando me perguntam sobre o que estudamos na pós em História da África, e eu explico às vezes com os poemas-manifesto recitados pelo professor Edmilson que me transportaram para lugares lindos, com dores intensas, que ao mesmo tempo em que demonstravam fragilidade também demonstravam força, construção e transformação, um pertencimento sufocante, outras vezes relatando como foi o processo de invasão e independência do continente africano ou o que o tráfico de escravizados africanos acarretou a nossa sociedade, algumas pessoas ainda não compreendem a importância deste estudo, a relação político-social-cultural que traçamos ao refletir sobre as representações da África e dos africanos em diferentes contextos históricos no Brasil e no mundo, em como são importantes essas discussões para compreendermos como o imaginário da África foi construído e de que maneira podemos (re)significá-lo, já que essa (re)significação mudaria nossa perspectiva quanto a elaboração do conhecimento histórico.

Rapariga

Ana Paula Tavares

Cresce comigo o boi que vão me trocar
Amarraram-me às costas, a tábua Eylekessa

Filha do Tembo
organizo o milho

Trago nas pernas as pulseiras pesadas
Dos dias que passaram ...

Sou do clã do boi –

Dos meus ancestrais ficou-me a paciência
O sono profundo do deserto,

a falta de limite ...

Da mistura do boi e da árvore
a efervescência

o desejo
a inquietude
a proximidade

Do mar
Filha de Huco
Com a sua primeira esposa
Uma vaca sagrada
concedeu-me
O favor das suas tetas úberes.

REPENSANDO A APRENDIZAGEM: LEITURAS CRÍTICAS A PARTIR DA PRÁXIS

“Não existem leis no mundo que sejam capazes de erradicar as atitudes preconceituosas existentes nas cabeças das pessoas, atitudes essas provenientes dos sistemas culturais de todas as sociedades humanas. No entanto, cremos que a educação é capaz de oferecer tanto aos jovens como aos adultos a possibilidade de questionar e desconstruir os mitos de superioridade e inferioridade entre grupos humanos que foram introjetados neles pela cultura racista na qual foram socializados.”

Kabengele Munanga

É notória a complexidade do espaço escolar e de seus integrantes, e se certamente nos entendermos *inacabados, inconclusos*, como pressupõe Freire (1997), nunca estaremos aptos e, ainda, pouco saberemos da construção do imaginário da África, dos mitos e diferenças difundidos.

A proposta do Curso de História da África nos provoca a sairmos do nosso lugar do saber e do poder sobre o outro e nos convida ao encontro com o outro (FERRE, 2001; LARROSA, 1998). Passar por essa desconstrução do imaginário sobre a África é sofrido, doído, dessas dores quase palpável mesmo, mas também é libertador e revelador, na medida em que as análises das relações sociais passam a ter fundamentação e arcabouço teórico.

Percebo que ao longo das aulas e das leituras, conceitos e teorias foram desmistificados, lapidados e descartados. Esses encontros com professores de lugares outros, que nos apresentam olhares caleidoscópicos ampliou e (re)significou o aprendizado.

Não vou esconder que já fui dormir com vários desses autores e professores digladiando na minha cabeça, afinal é isso que acontece quando se tem uma mente ruminante.

As aulas sobre: as Representações do Continente Africano, Memória e Identidade,

Oralidades e Narrativas e Práticas de Ensino foram riquíssimas para que eu pudesse construir a fundamentação teórica necessária para debater variados temas que perpassam a questão da África-mundo-África pela perspectiva econômica e política. Ahhh..... e, por favor, que não me ouçam os “a favor” da escola sem partido.

Refletir sobre a dimensão política das operações de memória, memória coletiva e identidade, o passado e o tempo como unidades sujeitas de usos e “abusos” políticos fez-me compreender o “poder” da memória e do lugar de pertencimento, olhar e tematizar o cotidiano. Esse olhar que tematiza o cotidiano, que dá cor, som, canto, palavras e corpo, (re)cria e transforma sentidos e significados. Pois “numa perspectiva construtivista, não se trata mais de lidar com os fatos sociais como coisas, mas de analisar como os fatos sociais se tornam coisas, como e por quem eles são solidificados e dotados de duração e estabilidade” (POLLAK, 1989, p.4).

Trazer toda essa aprendizagem para o chão da escola e transformar o saber acadêmico em saber escolar constitui um desafio enorme ao passo que, os conteúdos mobilizados, as finalidades pretendidas e os métodos utilizados, constituíra memória, esquecimento ou silêncio, já que “a fronteira entre o dizível e o indizível, o confessável e o inconfessável [...] resume a imagem que uma sociedade majoritária ou o Estado desejam passar e impor” (POLLAK, 1989, p.8).

Essas redes e conexões, com dimensões culturais e artísticas que possibilitaram interações entre a música, o cinema e a poesia tão entrelaçados e ao mesmo tempo tão singular tentei transportar para o cotidiano escolar, se não como prática pedagógica na sala de aula, também nos módulos com os professores para planejamento das aulas. Tarefa muito difícil essa por sinal, propor o óbvio para quem não quer saber, afinal, para eles, não estávamos sempre em novembro e falar da Lei 10.639/03 e Lei 11.645/08 lembrando-os da obrigatoriedade do ensino da história e cultura afro-brasileira e africana, não adiantava muito.

Percebi então com tristeza, que essa docência partilhada e com dialogicidade tão exaltada por Freire, em que os sujeitos da ação pedagógica possuem interesses comuns, não ficam explícitos quando tratamos da História da África. O perigo de uma única história, nunca esteve tão presente, quando ouvi sempre os mesmos argumentos para não se trabalhar a História da África como tema central. E argumentar que são as práticas pedagógicas voltadas para o ensino das culturas africanas é que fará a diferença na construção das identidades do sujeito, não produziu, inicialmente, o engajamento profissional esperado.

Mas como é de não em não que podemos chegar ao sim, sempre que podia ou quando

não podia também, trazia o tema para a discussão. Relatar as aulas do professor Mahfouz, que foram extraordinárias, me rendeu uma sessão de cinema sobre Tomboctou e algumas pesquisas sobre o lugar com alguns professores. Ouvi-lo cantar e vê-lo dançar expandiu verdadeiramente minhas dimensões culturais e mobilizou o conhecimento tanto pra mim quanto para outros, já que passei semanas falando sobre a aula. Ele, com certeza, é um dos professores que habita minha mente, me emociona e me põe em ação, impelindo-me à saber mais, à falar mais e à mostrar mais da África.

PRÁTICAS PEDAGÓGICAS, INTERVENÇÕES E AÇÕES SÓCIO-EDUCATIVAS

A compreensão dos limites da prática educativa demanda indiscutivelmente a clareza política dos educadores com relação ao seu projeto. Demanda que o educador assuma a politicidade de sua prática.

Paulo Freire

A mobilização dos saberes, das experiências, do processo reflexivo na e sobre a prática pedagógica demanda uma memória educativa, que é “a maneira como os recortes que os sujeitos trazem dos fatos, que são a representação de suas realidades, engravidadas de significados, são reinterpretadas na dialética da relação escola, conhecimento e vida” (FERNANDES, 2008, p.148). Portanto, todas as intervenções e ações sócio-educativas aqui praticadas, derivaram das inquietações surgidas durante algumas práticas pedagógicas.

Sempre me incomodou o tal “lápiz cor-de-pele”. A mesma pergunta surgia de pronto em minha mente quando alguém me solicitava o empréstimo do lápis, “cor-de-pele de quem”?

Partindo dessa incomodação e imbuída de um sentimento de transformação, propus práticas pedagógicas permanentes e articuladas às disciplinas instituídas para o ciclo de alfabetização do 2º ano do ensino fundamental, visando auxiliar a construção de identidades raciais dos meus alunos articulando com o que eu vinha estudando na pós. Assim durante todo o ano de 2015, tentei deslegitimar a condição do lápis cor de rosa como o lápis “cor-de-pele”.

¹“Iniciei a prática distribuindo aleatoriamente, aos meus alunos, lápis de cor quando estes me solicitavam emprestado o lápis cor-de-pele. Não pensava, apenas colocava a mão no pote e pegava qualquer um: verde, amarelo, vermelho, marrom, azul, preto, laranja e outros tantos da paleta disponível.

¹ Relato de experiência apresentado na conclusão do Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa de 2015, na Faculdade Estácio de Sá, Juiz de Fora/MG.

Dentro de um período de três meses não fui interpelada sobre a distribuição, apenas aceitavam o que recebiam e coloriam. Mas num belo dia, eis que entrego o lápis azul para um aluno e este fala: “professora, não conheço ninguém azul, você conhece? Não tive tempo para responder, pois outro aluno disse: “conheço só do filme Avatar” e destas falas surgiram outras tantas indagações: “qual o lápis que devo usar?”, “ qual é a cor correta para se colorir o desenho?”, “ você sabe qual é a minha cor”, “qual é a sua cor”?... Por fim chegamos a conclusão que não era possível colorir alguém somente de uma cor, visto que somos resultado das misturas de nossos pais e ascendentes.

Não satisfeitos com a conclusão e certos de que o lápis cor-de-pele representa a cor legítima de uma pessoa, cada aluno passou de carteira em carteira, testando, no braço, rosto ou pescoço, se realmente não tinha ninguém com esta tez, curiosamente quase ninguém testou o lápis em seu próprio braço.

Naquele dia, como tarefa para casa, solicitei que procurassem em revistas e/ou jornais algum ser vivo que tivesse aquela tonalidade. Para decepção de muitos, ao analisarmos todas as imagens trazidas, a que mais se aproximava era de um porquinho, nenhuma pessoa conseguiu representar tão bem o lápis cor-de-pele quanto ele.

Iniciada a desconstrução do imaginário e das representações acerca da cor-de-pele oficial, nos momentos de leitura deleite eu sempre buscava livros que trouxessem temáticas que valorizassem a diversidade e a cultura afro-brasileira, lemos Berimbau mandou te chamar, organizado por Bia Hetzel, O Herói de Damião em a Descoberta da Capoeira, de Iza Lotito, O menino Nito de Sonia Rosa e Kabá Darebu, de Daniel Munduruku estes disponibilizados pelo Programa Nacional do Livro Didático e outros tantos que ajudassem na construção de identidades raciais.

Com o propósito de estimular ainda mais a leitura articulando à ideia de que através de imagens e representações desconstruímos o ideal posto, confeccionei uma mala viajante, que abarcasse vários gêneros textuais, juntamente com os livros ia um caderno para registros, os alunos e pais poderiam escrever e desenhar o que mais lhe interessou e chamou atenção. Entre os livros disponibilizados, estava o livro “Princesa Arabela, mimada que só ela” de Mylo Freeman, que tem como personagem principal uma princesa negra, qual não foi, para minha feliz surpresa, que este foi um dos livros mais citados no caderno de registros. Em momento algum os alunos questionaram o fato da existência de uma princesa negra, eles adoraram o livro e se sentiram representados.

Ainda na promoção de um deslocamento do lugar comum das representações,

intercalei atividades de pinturas e produções de textos, visando criar ações coletivas e práticas que rompessem com o preconceito.

A penúltima atividade que registrei para esse relato foi a confecção de um autorretrato. Não a propus como atividade inicial, pois também era intuito do trabalho desconstruir e questionar a organização da cultura racista partindo da representação de outros para culminar com a representação de si.

Para tal atividade li novamente o poema “O nome da gente” de Pedro Bandeira explorei e retomei a história do nome e sua importância para a construção de nossa identidade. Entreguei uma folha ofício e pedi para que eles se desenhasssem/pintassem como se viam. A medida, em que se esmeravam no contorno do rosto, nariz, boca, na tonalidade da pele, na cor do cabelo, pude perceber o quanto eles se posicionavam, aceitando ou rejeitando traços, cores e formatos. Percebi que eles não se deixavam mais alienar-se, que suas identidades raciais estavam de fato sendo construídas.

A culminância do trabalho se deu com fechamento mais que perfeito, a Semana da Consciência Negra. Interdisciplinarmente, foi desenvolvido pela professora de biblioteca, Vivian Pessoa Duarte, a exposição “Africanidades” em que foram necessárias pesquisas dos alunos sobre: os países que compõem o continente africano, personalidades negras no Brasil e no mundo, comidas típicas, música, dança e literatura. Foi uma experiência ímpar observá-los se identificando, exaltando, desejando e requisitando para si aquele lugar como parte de sua história.”

Esse trabalho, com certeza, não deu conta das infinitas relações e análises que poderiam ser feitas, visto que percebo uma série de possibilidades de abordagens que ficaram esperando suas problematizações e sem as devidas reflexões, contudo ao final do ano letivo, pude perceber que os alunos se reconheciam como indivíduos singulares e com características próprias, que eles se respeitavam e conversavam antes de definir práticas que magoariam ou excluiriam um amigo e que eles aceitavam suas diferenças como algo que os unia e não como algo que os separava.

Motivada com o resultado do trabalho anterior, dei continuidade ao projeto neste ano, articulando as atividades permanentes ao uso da mala viajante. Contudo, não pude concluí-lo, pois no meio do ano letivo troquei de turma e de segmento, não sendo possível analisar e refletir sobre as mudanças e permanências no processo de construção das identidades dos alunos.

Como não foi possível continuar o projeto que eu havia proposto inicialmente, mudei

então foco da abordagem. Minha meta agora era inserir uma proposta concreta no Projeto Político Pedagógico (PPP) da escola em que leciono, que aborde o ensino da história e cultura afro-brasileira e africana, claro que paralelamente eu ia trabalhando atividades outras em sala de aula, mas o desafio estava posto e eu não ia desistir.

Durante as reuniões para a confecção do PPP, não perdia uma oportunidade para trazer a tona às discussões sobre as Leis 10.639/03 e 11.645/08, de sua obrigatoriedade e importância na reflexão das questões político, social e cultural da sociedade brasileira.

E não é que deu certo toda a campanha, consegui inserir um tópico no PPP, que trata especificamente das Leis 10.639/03 e 11.645/08. Quando li o texto final, que iria para aprovação na Secretaria de Educação de Minas Gerais, senti que uma barreira enorme tinha sido transposta e que eu estava no caminho certo. Se o que foi proposto vai sair do papel? Não posso responder pelos outros, mas certamente, vou continuar sugerindo atividades que busquem concluir os objetivos propostos.

ALGUMAS CONSIDERAÇÕES

O que está em debate na atualidade é a ideia de que uma educação centrada na cultura e nos valores da sociedade que educa deve suceder uma educação que dá valor à diversidade (histórica e cultural) e ao conhecimento do outro visando todas as formas de comunicação intercultural. Está também em jogo a vontade de corrigir a desigualdade de situações e de chances.

Kabengele Munanga

Problematizar e analisar, buscando soluções e articulando o conhecimento produzido durante o curso não foi somente desafiador foi também exaustivo, gratificante e inquietador, pois o que motivou as reflexões iniciais sobre a África respondeu algumas questões, mas desencadeou outras tantas que ainda não problematizei e refleti.

As inquietudes permanecem sim, pois há muito ainda para se ruminar sobre as representações da África e dos africanos em diferentes contextos históricos no Brasil e no mundo e desacomodar-se não é mais tão, tão difícil, porque eu consigo agora identificar e pensar algumas soluções para questões problemáticas que perpassam essa sociedade constituída de vínculos históricos, políticos, econômicos e estéticos que são responsáveis pela formação ideal e simultaneamente, concreta da sociedade em que vivemos.

Penso que está aí meu grande aprendizado, perceber que esses vínculos históricos,

políticos, econômicos e estéticos nasceram na África e desembarcaram aqui.

Assim, perfaço esta etapa de vida consciente que foi em base sólida a construção dos conhecimentos adquiridos e compartilhados e fico feliz em ver como meus alunos mudaram depois das intervenções feitas em sala de aula, do quanto eles amadureceram, do quanto eu mudei e amadureci, o saldo é mais que positivo. Pois não foi fácil conquistar aquele espaço no PPP, nos murais da escola, nos debates entre os professores, não foi fácil mesmo mas foi conquista pois houve mudanças e não permanências.

REFERÊNCIAS

FERNANDES, Cleoni. À procura da senha da vida-de-senha a aula dialógica? In: VEIGA, Ilma Passos Alencastro (Org.). **Aula: gênese, dimensões, princípios e práticas**. Campinas: Papirus, 2008. p.145-165.

FERRE, Nuria Pérez de Lara. Identidade, diferença e diversidade: manter viva a pergunta. In: LARROSA, Jorge; SKLIAR, Carlos (Orgs.). **Habitantes de Babel: políticas e poéticas da diferença**. Belo Horizonte: Autêntica, 2001. p. 195-214.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 5. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1997.

LARROSA, Jorge. O enigma da infância ou o que vai do impossível ao verdadeiro. In: FERRÉ, Nuria Pérez de Lara (Orgs.). **Imagens do outro**. Petrópolis: Vozes, 1998. p.67-86.

MUNANGA, Kabengele, Educação e diversidade cultural. In: **Discussões sobre o negro na contemporaneidade e suas demandas**. Niterói, Cadernos PENESB, nº 10, jan/jun/2008/2010, EdUFF, p. 37-54.

POLLAK, Michael. **Memória, esquecimento, silêncio**. Estudos Históricos, Rio de Janeiro, vol. 2, n.3, 1989, p. 3-13.

ANEXOS



Imagem, do um ser vivo, encontrada pelos alunos, que representa o lápis “cor-de-pele”.

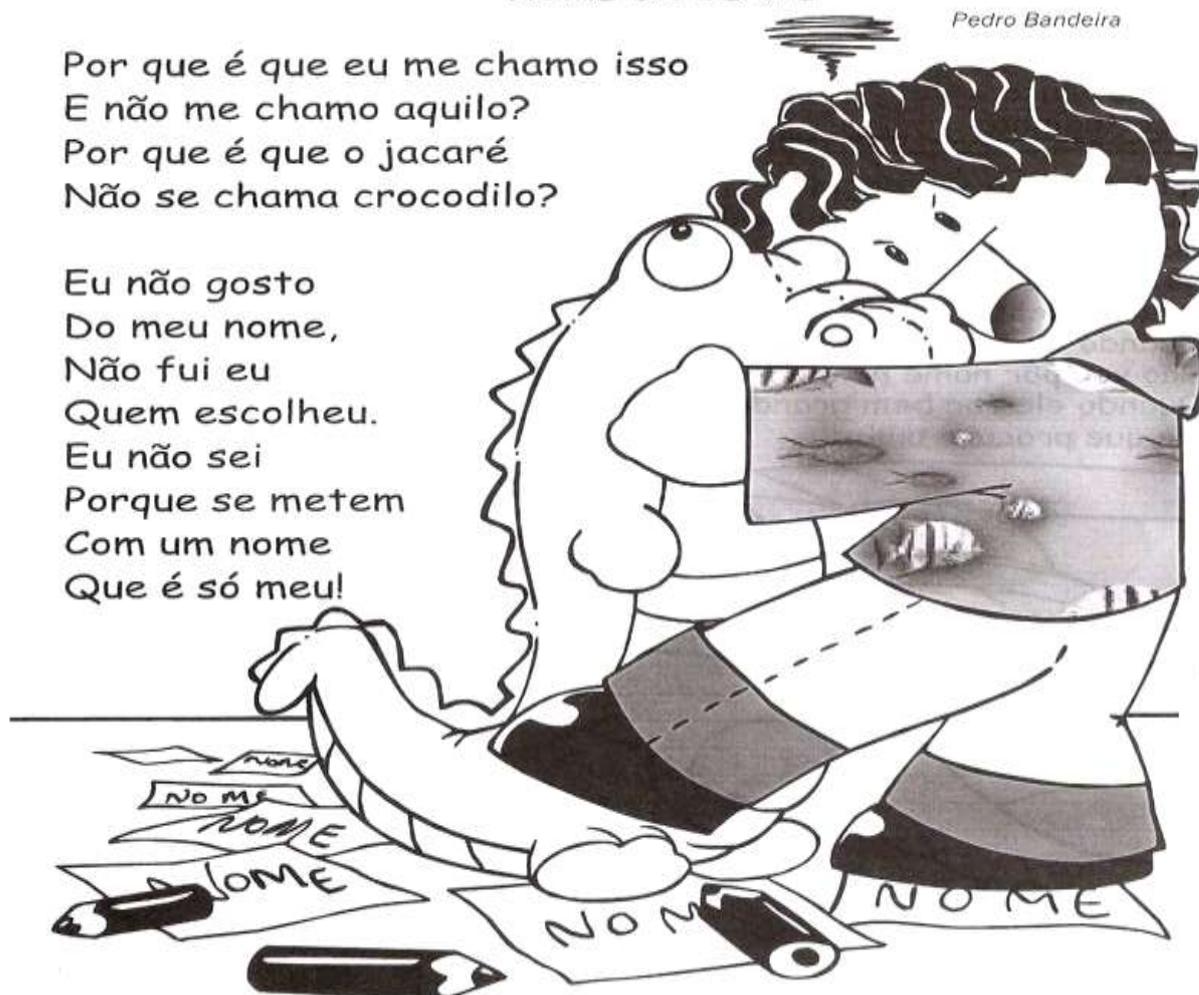
Poema utilizado para a reflexão sobre a construção das identidades.

NOME DA GENTE

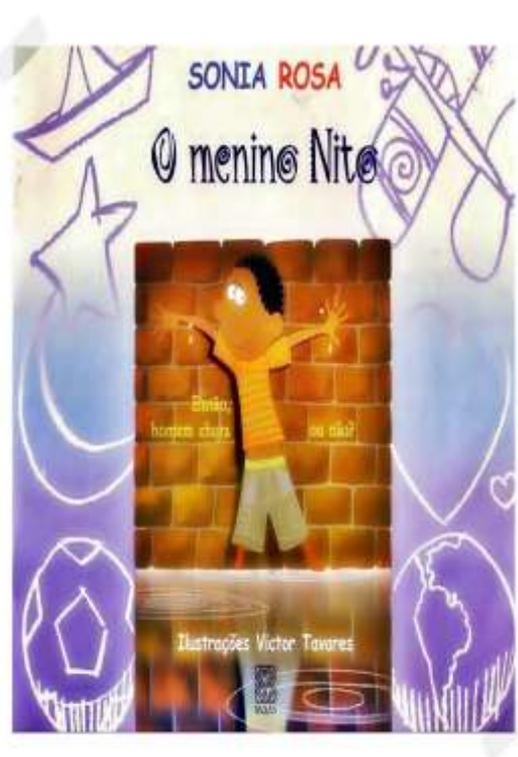
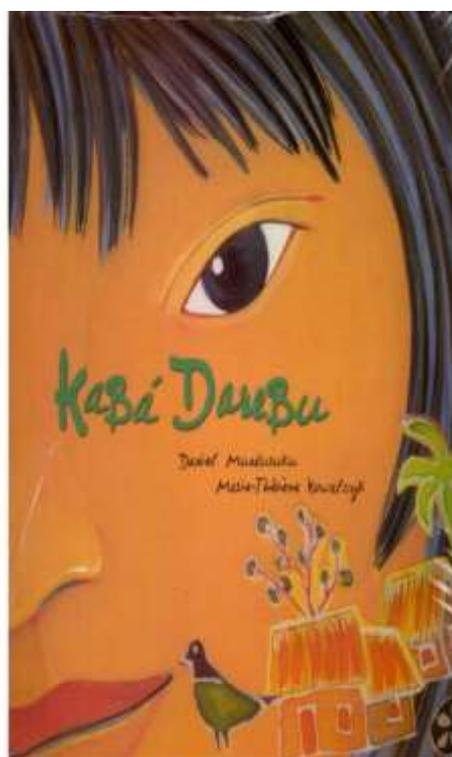
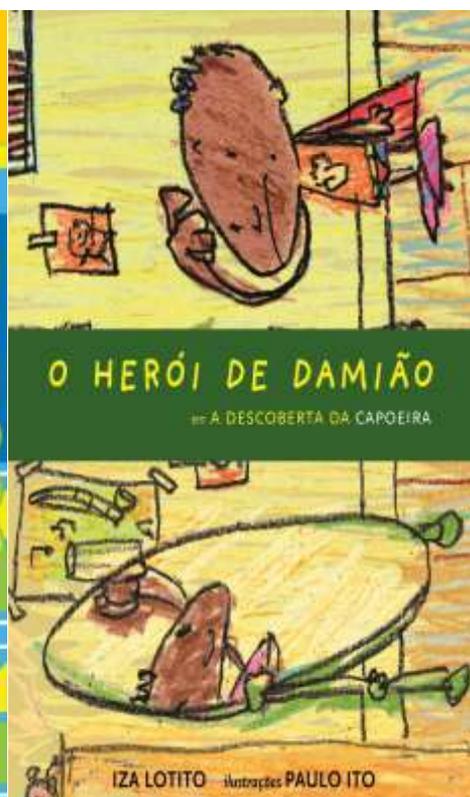
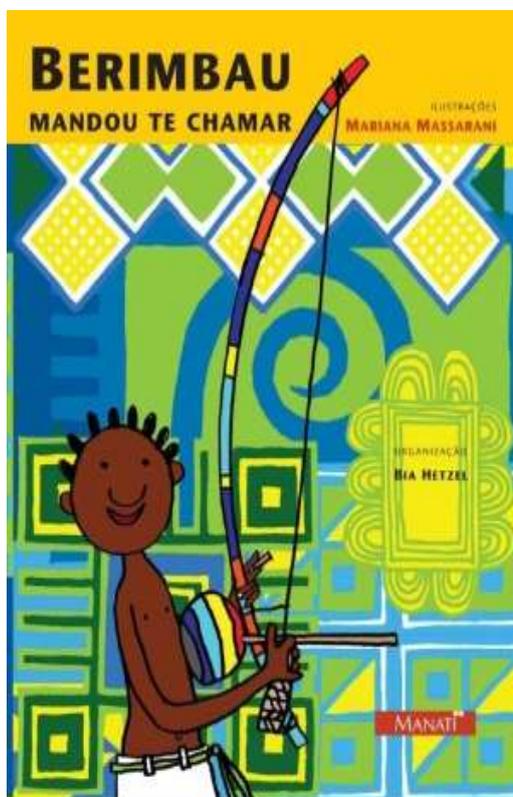
Pedro Bandeira

Por que é que eu me chamo isso
E não me chamo aquilo?
Por que é que o jacaré
Não se chama crocodilo?

Eu não gosto
Do meu nome,
Não fui eu
Quem escolheu.
Eu não sei
Porque se metem
Com um nome
Que é só meu!



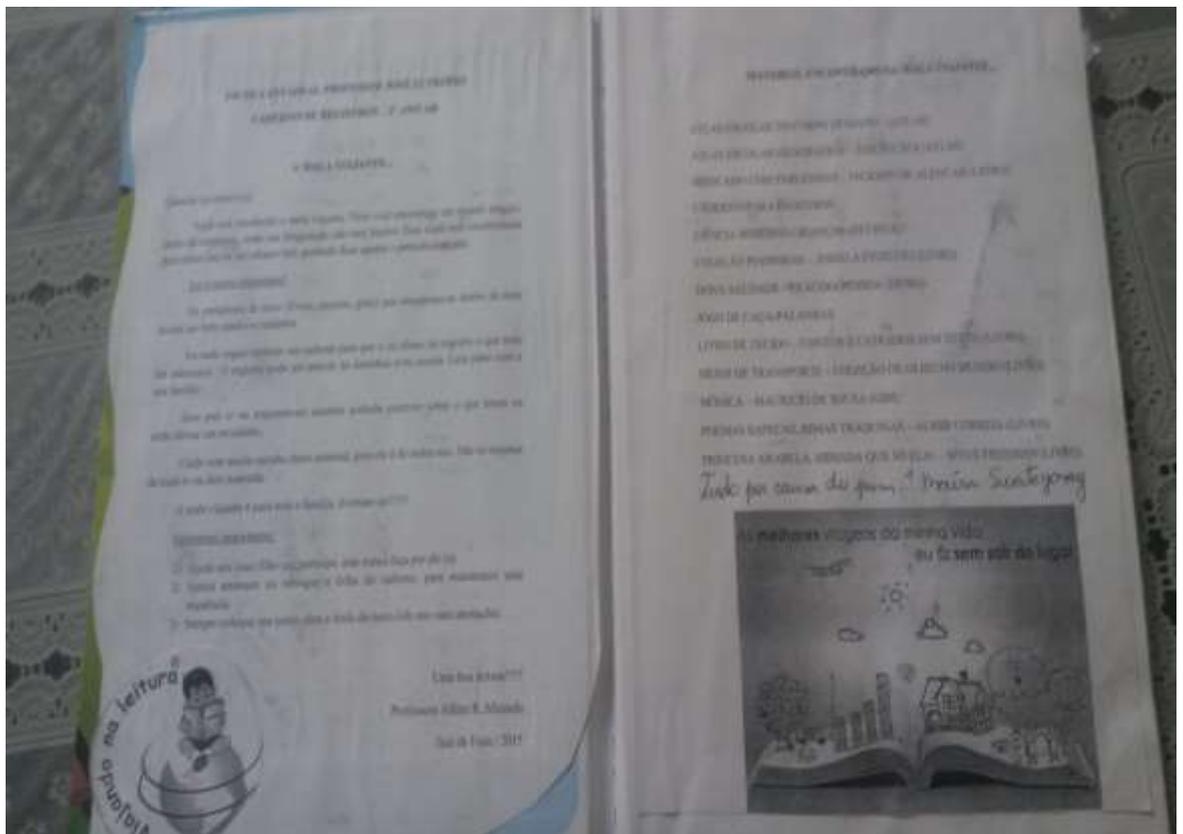
Alguns livros utilizados na leitura deleite:



Mala Viajante



Caderno de registros



15.08.15

Princesa Anabela
mimada
que se ab!

Parabéns! Amei!



♥ Larvinia ♥

16.06.15

ajudando que não ela!

Muito bem Ryan!
Amei seu desenho.

Beijos,

Aline



Vitor Miguel

19.06.15

Princesa Isabela,

mirada que si va!!

Adorei!



Autorretrato









Exposição “Africanidades”

